

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**MUNDO NA SALA DE AULA**

Terceira Temporada

**Episódio 24: Assistência estudantil - mobilizar pra transformar**

**Transcrição do episódio: Bianca Lino, Cindy Lauren e Irene do Planalto**

**Revisão da transcrição: Cindy Lauren e Daniela Manica (Unicamp)**

**Legendas**

**Sonoplastia**

**BLOCOS**

**ABERTURA**

**Música de abertura:** “Ode ao Bozo” - Gatunas - os acordes de guitarra vão se misturando com a voz da interlocutora.

**Bianca:** Quando entramos na universidade nos deparamos com um mundo de possibilidades, entramos em contato com diversas organizações, coletivos, partidos, e principalmente com novas ideias, passamos a nos ver como parte do movimento estudantil e a procurar o nosso lugar nesse movimento tão diverso.

**Irene:** Durante a graduação também podemos encontrar dificuldades para permanecer estudando, seja por questões de moradia, dificuldades para conseguir bolsas de auxílio, defasagens de ensino, a necessidade de trabalhar e até questões psicológicas e outras doenças. Nesse episódio, vamos falar sobre militância e assistência estudantil, pois entendemos que esses dois universos se encontram tendo o movimento estudantil à frente da luta por melhores condições de permanência na universidade.

**Bianca:** Eu sou a Bianca, estudante de Ciências Sociais na Unicamp.

**Irene:** E eu sou a Irene, estudante de Antropologia na UNB.

**Bianca:** Nós fazemos parte da equipe do Mundaréu e nesse episódio vamos conhecer o Jhonata Rodrigues, formado em Ciências Sociais na UNB em 2019 e a Juliana Begiato, estudante de Ciências Sociais na Unicamp e militante da juventude Faísca. Estudantes que estiveram à frente durante as lutas do movimento estudantil por permanência e contra os ataques em suas universidades.

**Música de transição #3:** Música eletrônica que remonta de forma lenta trechos melódicos de “Ode ao Bozo”, da banda Gatunas. Melodia reverbera com notas agudas e contrabaixo compassado com batida grave.

**Jhonata:** É... Meu nome é Jhonata, mais conhecido como Dino, eu já formei na Universidade de Brasília, formei em bacharel em Ciências Sociais e Licenciatura em Sociologia. Eu ingressei na universidade no ano de 2012...

**Juliana:** É... Meu nome é Juliana, eu faço Ciências Sociais na Unicamp. Eu entrei em 2019, então um pouquinho antes é, de você sair eu tava entrando, né... [risonha]

**Música de transição #3:** continua...

## **BLOCO 1: As experiências de militância na graduação**

**Irene:**

A gente sabe que historicamente as Ciências Sociais estiveram à frente nas mobilizações dentro das universidades, seja contra cortes e precarizações, seja por melhores condições de permanência às estudantes. Conta pra gente como foi pra vocês esse primeiro contato com o movimento estudantil? E o que motivou vocês a começarem a militar?

**Jhonata:** É, bom, meu contato com o movimento estudantil em geral se deu na escola de ensino médio, né. É muito comum que nessa idade a gente tenha uma certa insatisfação com o mundo, tem até uma questão geracional nisso, mas também porque a escola que eu estudava que era uma escola pública, Centro de Ensino Médio 01 do Gama,

**Irene:** Pra quem não conhece o DF, Gama é uma das 33 regiões administrativas, que é como a gente chama as cidades por aqui. O Gama é a segunda região administrativa mais antiga e fica à sudoeste do Plano Piloto, nos limites com o entorno do DF.

**Jhonata:** era uma escola que tinha a estrutura bastante danificada né, e várias dessas questões deixava a gente, é... insatisfeito, às vezes até indignado mesmo né? Então, começou a surgir uma movimentação dentro da escola pra montar um grêmio estudantil. Na época eu não sabia o que era um grêmio estudantil, mas aos poucos eu fui percebendo que era uma forma dos estudantes conseguirem se mobilizar dentro da escola por melhorias. Então eu fiz parte de uma chapa com vários estudantes que tinham a mesma insatisfação, e a gente acabou ganhando o grêmio estudantil, e a gente foi descobrindo o que era o grêmio estudantil, de fato né, fazendo o grêmio estudantil, o negócio da teoria e da prática, né? Quando eu entro na universidade, é eu já tinha mais ou menos uma noção de como funcionava, do que era uma representação estudantil e o meu contato foi quase que espontâneo porque quando eu entrei na universidade em 2012 foi quando teve a greve é, dos professores do ensino superior né, que o ANDES, que é o sindicato na época tava puxando, as pautas era por reajuste salarial e o plano de carreira, então várias aulas a gente teve suspensas por causa dessa greve e também teve um movimento de apoio estudantil a esses professores que entraram de greve, né.

**Bianca:** E pra você Juliana, como foi?

**Juliana:** Então, eu, um pouco diferente do Jonatha, eu não comecei no ensino médio, mas quando eu entrei na universidade em 2019 é, em Ciências Sociais, era o primeiro ano do governo Bolsonaro. É, além disso foi um momento também de muitos ataques né, a gente veio do golpe institucional em 2016 é, que escancarou também uma face do regime autoritário, né, desse judiciário autoritário. Em 2018 também foi, as eleições foram completamente manipuladas né, e logo no governo, no começo do governo Bolsonaro já teve, enfim, cortes na educação, enfim, e daí isso, isso também mobilizou os estudantes no tsunami da educação que teve em 2019 e que foi a primeira... primeira vez que eu tive experiência né, com o movimento estudantil. E além disso também, conhecimentos anteriores, do próprio ensino médio, é... do marxismo, enfim, das lutas da esquerda assim.

**Irene:** Quando vocês entraram na universidade, quais lutas do movimento estudantil estavam acontecendo e como elas influenciaram na militância de vocês?

**Jhonata:** Bom, pra mim, teve esse primeiro boom né, de 2012, mas logo em seguida, eu comecei a ver na universidade né, uma série de mobilizações de diversos setores né, da assistência estudantil, porque, a gente realmente teve um *boom* do REUNI, né? Com isso a gente vê, praticamente dobrar o número de vagas dentro da universidade. Então veja: em 2012, quando eu entrei, a UnB tinha cerca de 25 mil estudantes, em 2016 já tinha 40 mil estudantes. Então a gente tem um processo de entrada muito grande de estudantes dentro da universidade e a assistência estudantil não conseguia acompanhar, né, e as próprias políticas internas da universidade não conseguia acompanhar esse número de estudantes dentro das universidades. Então era comum assim, a gente ver, atos pedindo reajustes de bolsas, ou às vezes atrasava as bolsas. Então a gente via vários estudantes que se dirigiam a reitoria, ocupações, é... E tudo isso porque a gente vinha de um histórico de uma reitoria né, que havia desviado verba na época, isso em 2009 e o pessoal tinha conseguido derrubar esse reitor, né, por causa desse desvio de verba. Desde então, ficava essa desconfiança dos estudantes, do movimento estudantil no que diz respeito às reitorias e as parcerias também com as empresas que essas reitorias faziam, né? Então não havia necessariamente uma luta central, mas havia diversas pautas que sempre emergiram dentro da universidade, né. Em 2016, é quando emerge uma pauta central, logo após o golpe, né, da presidente Dilma, que foi a emenda constitucional 95, que é a PEC do teto de gastos, e aí sim a universidade começa a se mobilizar, tanto centro acadêmico, tanto estudantes independentes, para tentar reverter essa PEC, que mesmo sendo a nível nacional proporcionou inclusive uma articulação dos movimentos estudantis de diversas universidades.

**Bianca:** E na Unicamp, que lutas estavam em curso?

**Juliana:** É interessante ver porque na verdade a gente estudou em momentos bem diferentes né, tanto da política nacional quanto dentro das universidades assim. Quando eu entrei em 2019, era justamente o tsunami da educação né, que era uma luta que teve logo de cara assim, e pra mim foi muito importante o tsunami, na verdade. Foi quando eu decidi começar a militar assim, porque para mim era muito escandaloso que tava tendo tanto o tsunami da educação, que era luta contra os cortes, ao mesmo tempo em que os trabalhadores também tava lutando contra as reformas. Então eram duas lutas em andamento e que tinham na verdade um mesmo inimigo, assim, né, era o governo que tava impondo para os estudantes, trabalhadores essas duas condições. E obviamente as

condições dos trabalhadores também afetam os estudantes né, que vão sair da Universidade e vão sofrer com as reformas também.

## **BLOCO 2: Histórias de luta**

**Irene:** Dessas lutas que nos contaram, existem alguns momentos que mais marcantes? Conta pra gente um pouco dessas histórias?

**Juliana:** e um processo que em 2019 foi muito importante, a gente teve um... uma mudança no contrato das trabalhadoras do bandeirão que é uma empresa privada, então né, elas são terceirizadas e elas iam ser demitidas: 330 trabalhadoras da Unicamp, iam ser demitidas porque nesse processo entra outra empresa que pode contratar outras pessoas, né... E na verdade isso causou muita revolta nos estudantes, porque imagina? Uma demissão em massa numa das maiores universidades da América Latina, que inclusive pesquisa sobre a sociologia do trabalho, a precarização do trabalho, e que nesse momento né ia ser palco para demissão de 330 pessoas que iam ficar na rua, assim, tipo sem trabalho, em sua maioria inclusive mulheres negras que estão nesses postos de trabalho, né? E aí os estudantes se mobilizaram em apoio a essas trabalhadoras e fizeram um pula-catraca em defesa do emprego dessas trabalhadoras. Inclusive no processo, um dos trabalhadores terceirizados que era muito de luta assim, o Sidney, ele foi demitido porque em uma assembleia que teve ele falou chamando os estudantes a fazer ações etc. E aí ele foi demitido nesse processo e enfim, nunca foi readmitido. Mas pra mim isso foi bem forte porque na ocasião elas não foram demitidas, porque, o movimento estudantil se colocou muito ao lado dessas trabalhadoras que não podiam se mobilizar naquele momento. Mas agora, de novo, nesse mês a gente descobriu que na verdade elas vão ser demitidas agora porque trocou de novo o contrato, e é agora uma luta que tá em andamento né, que a gente tá tentando se organizar, é, inclusive pra conseguir se colocar ao lado dessas trabalhadoras e não deixar que elas sejam demitidas né.

**Música de transição #3:** Música eletrônica que remonta de forma lenta trechos melódicos de “Ode ao Bozo”, da banda Gatunas. Melodia reverbera com notas agudas e contrabaixo compassado com batida grave.

**Bianca:** Tenho acompanhado esse movimento dos estudantes. Desde essa primeira mobilização, quando ocorreu a demissão do Sidney em 2019, os estudantes criaram um comitê de apoio aos trabalhadores, que foi reativado com as novas ameaças de demissão, que se concretizaram na mudança da empresa que mantém o bandeirão. Em setembro desse ano a demissão do Sidney foi considerada indevida pela justiça. Muito interessante esse apoio dos estudantes aos trabalhadores terceirizados, é um movimento que extrapolou os interesses exclusivos dos alunos. E você, Jhonata, tem alguma história que te marcou?

**Jhonata:** Eu fiz parte da gestão do centro acadêmico de Sociologia da UnB. É... não lembro ao certo qual foi a gestão, mas acho que foi em 2014 pra 2015, alguma coisa assim... E em 2017 pra 2018 eu fiz parte da gestão do DCE “Todas as vozes”. No geral, acho que o que mais me marcou nesse contexto todo e daí aprofundando mais o que eu havia dito né, pra mim, foi as mobilizações que ocorreram em 2016 contra a PEC. Primeiro pelo caráter que essa mobilização conseguiu alcançar, foi a primeira vez que eu vi um movimento orgânico, da maioria das universidades a favor de uma pauta

unificada, que era a não aprovação da emenda constitucional 95. E mais do que isso a gente conseguiu uma articulação dos movimentos estudantis e dentro da própria universidade de Brasília, foi a primeira vez que eu vi todos os prédios da universidade ocupados. Então, quem, quem estuda na UnB sabe que é bastante grande e são prédios né, que são difíceis de ocupar, porque normalmente eles são abertos e ainda sim a gente conseguiu fazer a ocupação da maioria dos prédios. E a gente conseguiu realmente mostrar na prática que essas ocupações poderiam ter um caráter também, é, pra além do político, acadêmico, né? Onde a gente conseguiu trazer pessoas de fora da UnB, da comunidade mesmo em geral pra poder tá debatendo diversos temas que passavam pela educação né, que passavam pela questão da assistência estudantil. Então eram espaços, assim, de enriquecimento político muito grande... Outra questão assim, que me marcou bastante foi que, acho que em 2016 ainda, sempre, a universidade sempre teve ajuste no que diz respeito ao preço do restaurante universitário. Primeiro porque a gestão dele é entregue à iniciativa privada e querendo ou não, ao fim e ao cabo a empresa quer lucro, né? Mesmo que seja às custas dos estudantes que não tem condição nenhuma. Então teve um reajuste nos preços, na época, e a gente organizou um catraço,

[Grito de luta com tambores, em meio a protesto: Ê, pulaê, pulaê pulaê pulaê, pula catraca!]

**Jhonata:** vários estudantes da assistência estudantil organizaram catraços né, pra quem não sabe catraço era fazer com que a galera entrasse dentro do restaurante, consumisse sem pagar, a gente pode ter uma mobilização da juventude muito grande né.

**Irene:** De fato, as ocupações são espaços de muito aprendizado, assim como estar a frente de uma gestão acadêmica, é super importante. E aí, a gente queria saber quais são as principais pautas por assistência estudantil na Unicamp e na UnB.

**Juliana:** Na Unicamp sempre é uma luta recorrente eu acho que principalmente a questão da moradia né? Porque a gente tem uma moradia aqui em Campinas, que, enfim, tá super lotada, então, não cabe todo mundo que precisa estar na moradia e já tem um projeto de ampliação a muito tempo que a reitoria só trava na verdade, fica falando que vai ampliar e não amplia, eu acho que isso sempre é recorrente. E eu também acho que é uma luta sempre presente é, a ampliação das bolsas né, pra que todos, que precisam da bolsa pra permanência na universidade possam tê-la, porque na verdade enfim, o processo seletivo pra bolsa, às vezes 20 reais do salário da sua família determina se você vai ou não receber a bolsa né? Então é um filtro entre os estudantes pobres que vão ter que trabalhar ou não. E também a bolsa vem de muito tempo sem reajuste né, ainda mais com a inflação altíssima sempre é também uma pauta, é... o ajuste das bolsas de acordo com a inflação né? Mas além disso eu acho bem importante, na verdade, pensar, pra além da assistência estudantil como que a gente pode tornar a universidade, uma universidade realmente pública né? Porque hoje, as universidades públicas têm um filtro social, que é o vestibular, e que na verdade a maior parte da população pobre da juventude negra, principalmente, não consegue entrar né, tipo, fica de fora por uma série de questões que não consegue passar no vestibular que é uma prova super difícil. Então acho que é bem importante pensar de dentro da universidade junto com a permanência estudantil como fazer com que a universidade possa estar a serviço de quem queira estudar, né?

**Jhonata:** Engraçado né, no geral, as pautas elas num são tão diferentes né, nem a forma necessariamente como as lutas se dão. A gente vem passando recentemente por um aumento no preço do RU, outro aumento. Houve uma mobilização do movimento estudantil, mas, no geral, o que mais pega, é... é justamente isso que a Juliana colocou né? É a defasagem na assistência estudantil de uma forma geral, porque veja, 100 reais em 2012 não é a mesma coisa que 100 reais hoje assim, quem vai no supermercado sabe bem. E o preço das bolsas permanece o mesmo desde quando foi instituído o decreto do Programa Nacional da Assistência Estudantil, gente, ou seja, é 465 reais desde quando a galera instituiu isso, há muito tempo, que foi em 2009, 2010 por aí... que é quando sai o decreto... e até hoje nunca houve um reajuste nessas bolsas. A mesma coisa diz respeito à quantidade do número de bolsas, né, que pode dar uma variada dependendo da própria arrecadação interna da universidade. É... uma pauta que também é muito frequente dentro da universidade é a questão das creches. Uma creche pública dentro da universidade é uma demanda que é recorrente, dentro da universidade de Brasília, né, e a própria questão também dos fraldários assim, foi uma pauta que a gente tocou na época que a gente fazia parte do DCE. E a gente conseguiu que fosse efetivada a construção desses fraldários que parece ser pouca coisa, mas quando você cria uma criança e precisa fazer a higiene dela, é um negócio bastante complicado.

## Transição Musical

### BLOCO 3: Lutas de dentro para fora

**Irene:** Na fala de vocês, a gente percebe como o movimento estudantil tá ligado também às lutas por outras demandas, como nas greves de professores e outras lutas por direitos trabalhistas... Como vocês veem a importância do movimento estudantil e o papel que ele pode cumprir nas lutas fora da universidade?

**Jhonata:** Bom, de forma geral, eu vejo que a questão da assistência estudantil ela toca no que diz respeito a uma questão fundamental, que é a questão do acesso à educação né? Se você não tem uma assistência estudantil que dê condições pra aquele estudante possa ter né, igualdade de estudo, a tendência é você tornar a universidade cada vez mais elitizada, é... uma universidade que garanta, mesmo que permita que aquele estudante acesse, ele sempre vai continuar na margem, assim. Ele nunca vai ter o aproveitamento que o estudante que tem as condições sociais, econômicas e até culturais de permanecer na universidade tem, então... é a questão básica de acesso à educação.

**Juliana:** mas eu acho que também o papel do movimento estudantil é justamente organizar, tentar organizar esses estudantes né, pra realmente lutar contra todos os ataques a gente. Enfim, os cortes que a gente sofreu durante a pandemia, a reforma trabalhista, é... a reforma da previdência, todos esses ataques vão seguir nos próximos governos né, assim como a gente vem de ataques históricos à classe trabalhadora, que se seguem. Então pra mim o papel do movimento estudantil é justamente conseguir mobilizar os estudantes nesse sentido, né. E pra isso com certeza, tem que chegar aos setores da sociedade, os estudantes não conseguem se mobilizar sozinhos, né. Como que consegue se ligar aos outros setores da universidade? Pensar mais profundamente pra que que a gente quer ter universidade, tipo assim, o conhecimento que a gente está produzindo aí é pra quem? Eu acho que isso é importante pensar também, a gente tá produzindo, eu e o Jhonata trouxemos aqui né, a gente vai produzir para empresa privada? É isso que a gente quer a universidade? Tipo assim, eu

acho que a gente tem que pensar mais profundamente essas questões assim, que às vezes parecem pequenas em todas as coisas do dia a dia, mas que eu acho que é papel também da juventude assim, sonhar e pensar o máximo possível e lutar o máximo possível né, pra conquistar todas essas coisas.

## FECHAMENTO

**Bianca:** Que legal poder ouvir o Jhonata e a Juliana contando um pouco da experiência deles durante as lutas do movimento estudantil, né Irene? Olha que engraçado, nossa ideia inicial pra esse episódio era pensar o que tinha de específico nas lutas do movimento estudantil da UnB e da Unicamp, mas pra nossa surpresa eles nos contaram de experiências que se aproximaram diversas vezes.

**Irene:** Pois é, Bianca, achei muito interessante ver como essas lutas se cruzam e refletem os contextos políticos e econômicos nacionais né... A realidade é que sem o movimento estudantil, muitas das políticas de assistência e permanência nem existiriam, pois elas são fruto de luta, e precisam ser sempre defendidas.

**Bianca:** Acho que todo esse debate nos faz pensar como o movimento estudantil pode chegar a outros espaços que não só o da universidade, como quando os estudantes dialogaram com as demandas dos trabalhadores, contra a reforma trabalhista, ou quando se aproximaram dos estudantes secundaristas durante as ocupações das escolas em 2015.

**Irene:** Esses exemplos mostram a força enorme que têm os estudantes, né? De lutar e transformar a universidade no que a gente quer que ela seja. É como o Jhonata e a Juliana falaram: esperamos que a universidade seja capaz de dar assistência efetiva a todos que precisam, que a entrada na universidade seja cada vez mais ampla e democrática, e não menos importante, que seja um ambiente em que as nossas ideias, das humanidades em geral, sejam tão respeitadas como as outras ciências.

**Bianca:** Bora lutar por isso?

**Irene:** Bora!

Vinheta de fechamento: Ode ao Bozo, Gatunas

**Irene:** Esse foi o último episódio da terceira temporada da série Mundo na Sala de Aula, produzida por estudantes de graduação da UnB e da Unicamp, que compõem a equipe do podcast Mundaréu, que é coordenado pelas professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica.

Nesse episódio, vocês ouviram os gritos de luta de estudantes fazendo catracaço no restaurante universitário da Unicamp. Esse áudio foi gravado por mim e pela Bianca quando eu fui pra lá, na Unicamp, participar da I Oficina de Pesquisas do Mundaréu, em outubro de 2022. Nessa ocasião, o movimento estudantil estava se mobilizando em defesa das trabalhadoras terceirizadas e por melhorias no bandeirão. Desde que a nova empresa assumiu há denúncias de sobrecarga de trabalho, redução de salários e da qualidade dos alimentos, e também a perda de direito à creche. No nosso site, você encontra os materiais extras e a transcrição desse episódio, assim como outros episódios

da série. Anota aí: [mundareu.labor.unicamp.br](http://mundareu.labor.unicamp.br). Também estamos nas redes sociais como @podcastmundareu e nos principais tocadores de podcast. Agora é tempo de levantar vôo, foi um prazer gravar essa terceira temporada do Mundo na sala de aula. Nos ouvimos em breve!